

A propósito do "Concordo com o gesto da Primeira Dama" do Kandiyane

Dom.
25/12/94

CONHEÇO Kandiyane de longa data, como uma pessoa inteligente, mas bastante polémica, que gosta de levantar polémicas.

Mas jamais conhecia esta outra sua faceta de mau conselheiro.

Na sua carta publicada no jornal *Domingo* do dia 18 do corrente, começa por dizer que as recomendações do seu defunto pai que até certo ponto foram muito boas e aplicáveis a um seu filho, que jamais passou dum vulgo Kandiyane, um cidadão quase anónimo, senão anónimo a nível nacional e muito mais a nível internacional.

No caso da senhora Marcelina, ela é Primeira Dama de todos os moçambicanos e mãe da Nação, o que quer dizer Primeira Dama a nível nacional e internacional; o mínimo gesto dela como tal tem um olhar especial de todo o moçambicano e de quase todo o mundo, o que não acontece com um gesto do filho do pai do Kandiyane.

Há regras protocolares que as figuras públicas (sim a Primeira Dama é uma pessoa pública) não devem descuidar. A Primeira Dama não estava numa cerimónia privada (mesmo nessa, deve ter muito cuidado) encontrava-se numa cerimónia pública em que ela e o marido eram anfitriões. Tratava-se dum cerimónia oficial em que as pessoas presentes eram convidadas suas (deles) e não se convida ninguém para hostilizá-lo publicamente. Se a Primeira Dama queria copiar o que o ex-presidente da Assembleia da República de Moçambique disse, caiu no erro, até porque o "dito cujo" ressaltou, ao dizer "a não ser que o partido dele o obrigasse a fazê-lo não como Marcelino dos Santos, mas como representante do seu partido. Ora, a Primeira Dama não estava naquele acto público e oficial como uma simples Marcelina, mas sim como Marcelina Chissano, Primeira Dama de

Moçambique e mãe da Nação. A Primeira Dama esqueceu-se talvez que não estava em sua casa privada lá em Mueda numa cerimónia familiar à moda da terra. Estava sim numa casa pública, para não dizer do povo, e numa cerimónia oficial onde se encontravam personalidades nacionais e internacionais seus convidados e com uma agravante da Comunicação Social presente, que difundiu a nível nacional e internacional a triste cena.

Dizia o Kandiyane que "no nosso Continente, mais exactamente no nosso país, o cumprimento é sabido que varia de região para região. Alguns inclinam a cabeça, outros inclinam todo o corpo para a frente, outros ainda movimentam as sobrancelhas, etc., etc." não incluindo aquela para os antepassados (Kupahla). Esqueceu-se porém de acrescentar aquele modo de cumprimento usado pela Primeira Dama na cerimónia pública que o Kandiyane concorda, o de apertar mão a uns e não apertar a outros. Talvez como dizia o Kandiyane, a Primeira Dama conhecia do "ponto de vista higiénico" donde vinham as mãos recusadas de apertar, porque exalavam os tais "odores, cheiros ou aromas repelentes e nauseantes". Sinceramente, amigo Kandiyane!... Mesmo que soubesses desses cheiros todos, parece-me que havia um remédio — um desinfectante ou mesmo "Lux" ou "Palmolive".

Mais adiante, dizia o amigo Kandiyane que "africanamente falando, o aperto de mão não é propriamente um gesto legítimo de saudação". Então, se a Primeira Dama é da sua opinião, amigo Kandiyane, não o devia ter feito para uns tantos africanos e europeus, recusando-se a fazê-lo para uns determinados convidados africanos; que não o fizesse para todos e se limitasse a fazê-lo, como dizia o Kandiyane, à moda do nosso Continente, mais

exactamente no nosso país, escolhendo por exemplo talvez o mais simples e menos incomodativo, movimentando as sobrancelhas para todos.

Caro Kandiyane, a sua carta é maldosa, veio simplesmente provocar uma polémica, reacendendo a fogueira que estava quase a apagar-se. Como concordante do gesto da Primeira Dama, mãe da Nação, não lhe está a ajudar a reflectir o seu ponto indigno de uma Primeira Dama e mãe da Nação, talvez digno dum simples Sra. Marcelina, quem sabe. Estou convencido que ela até esteja bem com a sua consciência, mas esquece-se que além da consciência está a sociedade, onde todo o ser humano deve contar, independentemente de se estar bem ou não com a consciência.

A sua carta, amigo Kandiyane, até deve ter ofendido a pessoa que deu a oportunidade e possibilidade à Sra. Marcelina de ser Primeira Dama, porque como governante, diplomata e pessoa sensata não deve ter gostado do gesto da sua esposa e notou-se isso na resposta que deu aos homens da Comunicação Social, dizendo que não devia forçar a barra com o receio de partí-la, onde se presume que há motivos que davam para forçar a barra, mas que não quer forçá-la, que seria ainda pior.

Amigo Kandiyane, não sei qual foi o objectivo da sua carta — solidariedade conselheira? Oportunista? Não sei, que respondam os outros e o próprio Kandiyane, mas uma certeza ficou. A sua carta concorda com o gesto da Primeira Dama, o que equivale a não concordar com o gesto do Presidente que diplomaticamente com ou sem vontade, creio com vontade e alegria que se via no seu semblante, apertar a mão num gesto de pura reconciliação a todos os seus convidados (deles).

Um abraço amigo.